



**Marilia Kranz:
relevos e pinturas**

[PT]

Marília Kranz (1937-2017) nasceu e viveu na cidade do Rio de Janeiro, cuja paisagem é assunto recorrente em sua obra. Desenhando desde a infância, inicia aos 17 anos seus estudos formais em arte, cursando pintura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 1956, ingressa na Escola Nacional de Belas Artes, onde estuda durante três anos. Passa, ainda, pelos ateliês de Catarina Baratelli (pintura, 1963-66) e Eduardo Sued (gravura, 1971).

Em um primeiro momento de sua produção, até meados da década de 1960, Marília se dedica ao desenho e ao estudo da pintura. Na sequência, começa a produzir relevos abstratos em gesso, papelão e madeira, que integraram a sua primeira exposição individual, em 1968, na Galeria Oca, no Rio de Janeiro. Em 1969, ao retornar de viagens que fez à Europa e aos Estados Unidos, passa a produzir os relevos a partir da técnica de moldagem a vácuo com poliuretano rígido, fibra de vidro, resina e esmaltes industriais; além das esculturas com acrílico cortado e polido, chamadas de *Contraformas*.

A artista inova ao produzir quadros-objetos a partir da técnica de *vacuum forming*, pouco difundida no Brasil naquela época, até mesmo no setor industrial. Além disso, o conteúdo dos trabalhos também guarda forte caráter experimental. Segundo o crítico de arte Frederico Moraes, as formas abstratas e geométricas exploradas nestas obras e na produção de Marília Kranz como um todo se aproximariam mais de artistas como Ben Nicholson, Auguste Herbin e Alberto Magnelli do que das vertentes construtivistas de destaque no Brasil, como o Concretismo e o Neoconcretismo.

A partir do ano de 1974, retoma a prática da pintura, trazendo para o centro da tela elementos constituintes das suas paisagens preferidas no Rio de Janeiro. Comparada a artistas como Giorgio de Chirico e Tarsila do Amaral, os seus cenários e figuras geometrizados, beirando a abstração, contêm solenidade e erotismo. Os tons pastéis, por sua vez, tornaram-se a sua marca. “A cor cede diante da intensidade luminosa”, diz Frederico Moraes. Ao observarmos as flores e as frutas que protagonizam com grande sensualidade várias de suas pinturas,



pensamos também em Georgia O’Keeffe, considerada por Marília sua “irmã de alma”.

A artista carioca é também conhecida pela defesa da liberação sexual feminina e da liberdade política durante a ditadura militar no Brasil, além da luta pelas causas ambientais, atuando como uma das fundadoras do Partido Verde em 1986.

Marília Kranz expôs em galerias e instituições nacionais e internacionais e recebeu inúmeros prêmios pelas suas pinturas e esculturas, entre eles: o prêmio em escultura do 13º *Panorama de Arte Atual Brasileira*, em 1981, e o prêmio de aquisição do Salão de Artes Visuais do Estado do Rio, em 1973. Em 2007, contou com a exposição retrospectiva *Marília Kranz: relevos e esculturas* no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ocasião em que foi lançada a monografia Marília Kranz, escrita pelo crítico de arte Frederico Moraes, que acompanhou a artista durante toda a sua carreira.

A exposição ***Marília Kranz: relevos e pinturas*** apresenta cerca de 30 obras, entre esculturas e pinturas, que cobrem a trajetória percorrida pela artista desde os anos 1960, fase inicial de sua produção, até os anos 2000. Com abertura no dia 9 de março e visitação até 29 de abril de 2023, conta com expografia assinada por Marieta Ferber e texto crítico por Fernanda Morse

[EN]

Marília Kranz was born and lived in the city of Rio de Janeiro, whose landscape is a recurring subject in her work. Having drawn since childhood, at the age of 17 she began her formal studies in art, studying painting at the Museum of Modern Art in Rio de Janeiro. In 1956, she joined the National School of Fine Arts, where she studied for three years. She also attended the studios of Catarina Baratelli (painting, 1963-66) and Eduardo Sued (engraving, 1971).

In the early stage of her production, until the mid-1960s, Marília focused on drawing and the study of painting. Afterwards, she began to produce abstract reliefs in plaster, cardboard, and wood – works

that were part of her first solo exhibition, in 1968, at Oca Gallery, in Rio de Janeiro. In 1969, after returning from trips to Europe and the United States, she started to produce reliefs using the vacuum forming technique with rigid polyurethane, fiberglass, resin, and industrial enamels; as well as sculptures with cut and polished acrylic, called *Contraforms*.

The artist innovated by producing frame-objects using the vacuum forming technique, which was not widespread in Brazil at the time, even in the industrial sector. In addition, the content of the works also had a strong experimental character. According to art critic Frederico Moraes, the abstract and geometric forms explored in these works and in Marília’s entire body of work be closer to artists such as Ben Nicholson, Auguste Herbin, and Alberto Magnelli than to the constructivist trends that were prominent in Brazil, such as Concretism and Neo-concretism.

From 1974 on, she resumed her painting practice, addressing in her canvases elements of her favorite landscapes in Rio de Janeiro. Compared to artists such as Giorgio de Chirico and Tarsila do Amaral, her geometrized landscapes and figures, bordering on abstraction, contain solemnity and eroticism at the same time. Pastel tones, in turn, became her signature. “The color surrenders before the luminous intensity,” says Frederico Moraes. When we look at the flowers and fruits that are featured in several of her paintings with great sensuality, we also think of Georgia O’Keeffe, considered by Marília as her “soul sister”.

The artist is also known for her support of women’s sexual liberation and political freedom during the military dictatorship in Brazil, as well as her fight for environmental causes, being one of the founders of the Partido Verde in 1986.

Marília Kranz has held exhibitions in galleries and national and international institutions and has received numerous awards for her paintings and sculptures, including: the sculpture award at the 13º *Panorama de Arte Atual Brasileira*, in 1981, and the acquisition prize at the Salão de Artes Visuais do Estado do Rio, in 1973. In 2007, there was the retrospective exhibition Marília Kranz: reliefs and sculptures at the Museum of Modern Art in Rio de Janeiro, the occasion when the monograph Marília Kranz was launched, written by the art critic Frederico Moraes, who followed the artist during her entire career.

The exhibition ***Marília Kranz: reliefs and paintings*** presents about 30 works, including sculptures and paintings, which cover the artist’s trajectory from the 1960s, the initial phase of her production, until the 2000s. The show opens on March 9 and runs until April 29, 2023, with exhibit design by Marieta Ferber and critical text by Fernanda Morse.



Marília Kranz em seu ateliê, c. 1985, foto por:
Garrido [MaríliaKranz in her studio, c. 1985,
photo by: Garrido]

Marília Kranz – apaixonada como um postal carioca

Fernanda Morse

União e geometria: saliência, ranhuras se encaixam, volumes se interpenetram. Marcas e corpos em relevo, uma construtiva em permanência no reino de Eros. (...) Pistilos, botões, lianas e cipós. Emaranhados. Tinta, pólen, suor. Umidade. Tela, pele e pétala. Espaço, obra, corpo. Plantas vorazes, plantas carnívoras. Marília Kranz transpõe o sensorial para o sensual, como se fazer a arte fosse tornar visível as coisas do reino de Eros.

Paulo Herkenhoff, 1986

Nesta exposição se vê passagem. A passagem de uma pesquisa inicial a uma obra sólida, de uma jovem artista a uma criadora, de um paradigma construtivo a uma figuração onírica, de cores sóbrias e fechadas a uma paleta ampla e aberta. É isso acompanhar uma trajetória: não tanto ver em retrospectiva, mas estar atento às passagens, ao que elas dizem sobre o desenvolvimento de uma obra. Marília Kranz era não só uma artista em movimento, mas uma mulher em movimento – e isso transparece em sua produção. Trazendo ao seu trabalho cada vez mais o calor da cidade do Rio de Janeiro, não tinha pudor em transparecer a sua pulsão de vida, é a mulher que diz: “como eu apronteii!”¹

Embebendo o espectador na sensualidade das suas flores e frutas exuberantes, a porção da obra de Marília Kranz “passional como um postal / carioca” – que, como o poema de Ledusha que nos empresta esse verso, data dos idos

anos 1980 – tem um magnetismo próprio. As pinturas *Forma-flores* (1985) e *A montanha e a fruta* (1989) que o digam. Na primeira, as flores são o centro da tela, sobressaindo diante de uma paisagem difusa, cinza-azul e desimportante perto dos filetes intumescidos e avermelhados que despontam das pétalas em degradê amarelo. Na segunda, diante dos cumes da montanha se projeta a fruta colorida e aberta, traçada em linhas sinuosas que criam camadas até o centro rosado e sugestivo.

Até passar por essa comoção erótica da pintura, que a aproximou de pesquisas como a de Geórgia O’Keeffe, Marília Kranz explorou outros temas e materiais mais rígidos, como se vê em *Crepúsculo* (1968), que faz parte de uma série de relevos elaborados com recortes de madeira pintados sobre Eucatex apresentada em sua primeira individual, na Galeria OCA, no Rio de Janeiro, em 1968. O crítico de arte Frederico Morais, na monografia que escreveu sobre a artista,² vê nesses “recortes geométricos”, apesar de abstratos, “resíduos figurativos”. Vê os “círculos e semicírculos como se fossem olhos e bocas abertas” recriando “a Gestalt da figura humana”. Já na série das estereofórmulas – cujo próprio nome indica sua tridimensionalidade –, Morais diz não haver qualquer “resíduo figurativo”. *Scheat – estereofórmula* (1969), intitulada tal como a segunda estrela mais brilhante da constelação de Pegasus, é um quadro-objeto moldado em poliuretano rígido e tingido com tinta automotiva, constituído a partir de recursos técnicos pouco usuais à época. Alternando entre formas côncavas e convexas e explorando cores variadas, Morais considera que, nesta série, Marília Kranz pôs em prática o trinômio “arte-tecnologia-novos materiais” de forma pioneira.

A cor, elemento importante dentro da produção de Marília, também nos ajuda a perceber as passagens. Entre a pintura *Sem título* (197) e *Angra I* (1979) vemos não só a correspondência temática – estudo de linhas retas e curvas, formas abstratas e geometrizadas em uma paisagem indefinida – mas o uso de cores mais fechadas e mais sólidas em relação aos degradês que tanto explora nos anos seguintes e que nunca mais saem das suas telas. Passado o ápice da sensualidade e das figuras escultóricas que habitavam as suas paisagens – como em *Paisagem na escultura* (1981) e *Aterrissando* (1982) – vemos em obras mais maduras, como *Fim da guerra* (2003) e *Fim de um dia* (2006), um certo

¹ Vide manchete de entrevista que deu ao jornal O Globo, publicada em 23.08.2003.

² Frederico Morais. Marília Kranz. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2007.

retorno a tons sóbrios ao serem priorizados os degradês de cinza e azul, que se correspondem com o caráter sintético e econômico que tomam aqui as suas formas e figuras.

Com cenários oníricos e paisagens solenes, a pintura de Marília por vezes foi aproximada àquela dos metafísicos que influenciariam o surrealismo, como Giorgio de Chirico. Não à toa ocorre essa comparação. Em diversas ocasiões, a artista diz ter resolvido ou iniciado uma pintura ainda enquanto dormia. Para ela, a ligação do sonho com a criação não ocorria apenas como exercício metafórico, mas era um processo ativo, transposto direto do seu inconsciente. Eis a fala de uma artista em tempo integral, que já não separa a arte da vida, o dentro ou o fora, o sono ou a vigília, sem saber se isso é mesmo um presente:

Como mulher e profissional tive que misturar tudo: tinta, filhos, lista de compras... nunca soube o que é a tal ‘paz de espírito’ para criar, trabalhar. Aprendi a fazer tudo junto, no tumulto. Não sei até onde a minha vida é meu trabalho, ou meu trabalho é minha vida. Trabalho até dormindo, quantas vezes resolvi um quadro nos meus sonhos, ou sonhei com outros pratinhos. É ao mesmo tempo uma benção e um tormento.³

Daqui, Marília, diríamos que é uma benção.

[EN]

Marília Kranz – passionate as a carioca postcard

Fernanda Morse

Union and geometry: protrusion, grooves fit together, volumes interpenetrate. Marks and bodies in relief, a constructive in permanence on the realm of Eros. (...) Pistils, buds, lianas and vines. Entanglements. Ink, pollen, sweat. Dampness. Canvas, skin and petal. Space, work, body. Voracious plants, carnivorous plants. Marília Kranz transposes the sensorial into the sensual, as if to make art were to render visible the things from the realm of Eros.

Paulo Herkenhoff, 1986

In this exhibition we see passage. The passage from an initial research to a solid work, from a young artist to a creator, from a constructive paradigm to an oneiric figuration, from sober and closed colours to a wide and open palette. It is this to follow a trajectory: not so much to see in retrospect, but to be attentive to the transitions, to what they say about the development of a work. Marília Kranz was not only an artist in motion, but a woman in motion — and this shines through in her production. Bringing to her work more and more the warmth of the city of Rio de Janeiro, she had no shame in showing her drive for life; she is the woman who says: “how I went wild!”¹

Soaking the viewer in the sensuality of its exuberant flowers and fruit, the “passionate as a carioca / postcard” part of Marília Kranz’s work — which, like the Ledusha’s poem that lends us this verse, dates from the 1980s — has a magnetism of its own. That the paintings *Forma-flores* [Form-flowers] (1985)

³ Trecho do texto autobiográfico “Mme. K a cores” que escreveu para a seção ‘Mulher integral’ do Jornal do Brasil, publicado em 26.09.1998

and *A montanha e a fruta* [The mountain and the fruit] (1989) may speak to that effect. In the first one, the flowers are the center of the canvas, standing out against a diffuse landscape, blue-grey and unimportant next to the bulging, reddish fillets that emerge from the petals in yellow gradient. In the latter, in front of the mountain peaks, the colorful and open fruit is projected, traced in sinuous lines that create layers up to the pink and suggestive core.

Until she underwent this erotic commotion of painting, which brought her closer to research such as that of Georgia O’Keeffe, Marília Kranz explored more stiff themes and materials, as can be seen in *Crepúsculo* [Dusk] (1968), which is part of a series of reliefs made with wood cuttings painted on Eucatex, presented in her first solo show, at Galeria OCA, in Rio de Janeiro, back in 1968. The art critic Frederico Morais, in the monography he wrote about the artist², sees in these “geometric cut-outs”, although abstract, “figurative residues”. He sees the “circles and semi-circles as if they were eyes and mouths opened”, recreating “the Gestalt of the human figure”. As to the series of estereformas — which’s very name indicates its three-dimensionality —, Morais says there is no “figurative residue”. *Scheat — estereofoma* (1969), entitled like the second brightest star in the constellation of Pegasus, is a painting-object molded in rigid polyurethane and dyed with automotive paint, composed by technical resources that were unusual at the time. Alternating between concave and convex forms and exploring various colours, Morais considers that, in this series, Marília Kranz put into practice the trinomial “art-technology-new materials” in a pioneering way.

The color, an important element within Marília’s production, also helps us to perceive the passages. Between the painting *Untitled* (197) and *Angra I* (1979) we see not only the thematic correspondence — a study of straight lines and curves, abstract and geometrized forms in an undefined landscape — but the use of more closed and solid colours in relation to the gradients that she explores so much in the following years and that will never again leave her canvases. Once the apex of sensuality and sculptural figures that inhabited her landscapes passed — as in *Paisagem na escultura* [Landscape in sculpture] (1981) and *Aterrissando* [Landing] (1982) — we see in more mature works, such as *Fim da guerra* [End of war] (2003) and *Fim de um dia* [End of a day] (2006), a somewhat return to sober tones by prioritizing grey and blue gradients, which

correspond to the synthetic and economic aspect that her forms and figures take on here.

With dreamlike sceneries and solemn landscapes, Marília’s painting has sometimes been likened to that of the metaphysicians who would influence Surrealism, such as Giorgio de Chirico. It is not by accident that this comparison occurs. On several occasions, the artist says she has resolved or started a painting while still asleep. For her, the link between dream and creation happened not only as a metaphorical exercise, but was an active process, transposed directly from her unconscious. Here is the speech of a full-time artist, who no longer separates art from life, inside from outside, sleep from wakefulness, without knowing whether this is really a gift:

As a woman and a professional I had to mix it all up: ink, children, shopping lists... I never knew what it was that ‘peace of mind’ to create, to work. I learned to do it all at the same time, in the hustle and bustle. I don’t know to what extent my life is my work, or my work is my life. I work even when sleeping, how many times I have resolved a painting in my dreams, or dreamt of others which were ready and done. It is both a blessing and a torment.³

From here, Marília, we would say it is a blessing.

MARILIA KRANZ

Rio de Janeiro, 1937 – Rio de Janeiro, 2017

Exposições individuais selecionadas [Selected solo shows]

2007

Marilia Kranz: relevos e esculturas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

2006

Marilia Kranz: soma de tudo, Fundação Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil

2004

Paisagens Cariocas, Lana Botelho Artes Visuais, São Paulo, Brasil

2003

Marilia Kranz, Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, Rio de Janeiro, Brasil

2001

Natureza viva, Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil

Marilia Kranz, Galeria Solar do Rosário, Curitiba, Brasil

Marilia Kranz: construção, Eros e metafísica, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil

2000

Marilia Kranz: construção, Eros e metafísica, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil

1998

Poéticas do espaço, Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil

1997

Marilia Kranz, Palácio do Itamaraty, Brasília, Brasil

Desenhos, Centro de Artes Calouste Goulbenkian, Rio de Janeiro, Brasil

1996

Marilia Kranz: construção, Eros e metafísica, Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, Rio de Janeiro, Brasil

Marilia Kranz, Galeria Studio 999, Rio de Janeiro, Brasil

1994

Marilia Kranz, CT Gallery, New York, USA

1992

Marilia Kranz: pinturas, Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, Rio de Janeiro, Brasil

Marilia Kranz, Galeria Solar do Rosário, Curitiba, Brasil

1990

Marilia Kranz, Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil

1989

Marilia Kranz, Performance Galeria de Arte, Brasília, Brasil

1988

Marilia Kranz, Coconut Grove Gallery, Miami, USA

1987

Marilia Kranz, Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil

Marilia Kranz, Galeria do Instituto Brasileiro-Americano, Washington D.C., USA

1985

Marilia Kranz, Salão Marrom, Hotel Bandeirante, Goiânia, Brasil

Marilia Kranz, Paulo Figueiredo Galeria de Arte, Brasília, Brasil

1983

Marilia Kranz, Galeria de Arte Centro Cultural Candido Mendes, Rio de Janeiro, Brasil

Marilia Kranz, Paulo Figueiredo Galeria de Arte, São Paulo, Brasil

1982

Marilia Kranz: pinturas, Galeria de Arte e Pesquisa da UFES, Vitória, Brasil

1981

Marilia Kranz, Galeria Paulo Klabin, Rio de Janeiro, Brasil

1980

Marilia Kranz, Teatro da Paz, Belém, Brasil

1979

Marília Kranz, Petite Galerie, Rio de Janeiro, Brasil

Marília Kranz, Galeria Documenta, São Paulo, Brasil

1977

Marília Kranz: óleos, Sala Cecília Meirelles, Rio de Janeiro, Brasil

1976

Marília Kranz, Skultura Galeria de Arte, São Paulo, Brasil

1974

Marília Kranz, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

1973

Marília Kranz: relevos e objetos, Galeria Bonino, Rio de Janeiro, Brasil

1971

Marília Kranz, Galeria Ipanema, Rio de Janeiro, Brasil

1970

Marília Kranz, Galeria Celina, Rio de Janeiro, Brasil

1969

Marília Kranz, Galeria Mirante das Artes, São Paulo, Brasil

1968

Marília, Galeria Oca, Rio de Janeiro, Brasil

Exposições coletivas [Selected group shows]

2013

A coleção de Letizia Accorsi, Espaço Cultural do Banco Central do Brasil – BCB, Rio de Janeiro, Brasil

2007

Auto-retrato do Brasil, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil

2006

A imagem do som da MPB, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil

2003

Projeto Brazilianart, Almacén Galeria de Arte, Rio de Janeiro, Brasil

2002

Arte em campo, Centro Cultural da Justiça Federal, Rio de Janeiro, Brasil

Múltiplos brasileiros 30 anos depois, Galeria Multipla de Arte, São Paulo, Brasil

1998

Poética do espaço, Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil

1997

Palácio do Itamaraty, Brasília, Brasil

Desenhos, Centro de Artes Calouste Goulbekian, Rio de Janeiro, Brasil

1996

Construção, Eros e metafísica, Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, Rio de Janeiro, Brasil

Fachadas imaginárias, Arcos da Lapa, Rio de Janeiro, Brasil

Galeria Studio 999, Rio de Janeiro, Brasil

Uma visão da arte brasileira, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil

1995

Da cor do Rio, Espaço Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, Brasil

Representações do Feminino, Rio Design Center, Rio de Janeiro, Brasil

Desenhar, Galeria de Arte Toulouse, Rio de Janeiro, Brasil

1994

CT Gallery, New York, USA

O Rio continua lindo, Rio Design Center, Rio de Janeiro, Brasil

Sob o signo de gêmeos, Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, Brasil

1993

The First Annual International Exhibition of Art, Stockholm, Sweden

A estrela chorou rosa, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

Arte erótica, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

1991

5 vezes pintura, Galeria Moviart, Rio de Janeiro, Brasil

Divina comédia, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

1992

A paisagem modificada através dos movimentos de arte, Museu do Primeiro Reinado, Rio de Janeiro, Brasil

Eco art, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

1987

Rio de Janeiro, fevereiro, março, Galeria Banerj, Rio de Janeiro, Brasil

1986

Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo, Brasil

1985

7ª Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, Atami, Japan

7ª Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, Kyoto, Japan

7ª Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, Tokyo, Japan

7ª Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

7ª Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, Fundação Brasil-Japão, São Paulo, Brasil

Rio narciso, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil

1984

15º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1983

Galeria do Centro Cultural Cândido Portinari, Rio de Janeiro, Brasil

14º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1982

Bienal do México, Mexico City, Mexico

Um século de escultura no brasil, Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, Brasil

1981

Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro, Brasil

21º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

13º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1980

9 Escultores, Casa Grande Galeria de Arte, Goiânia, Brasil

O rosto e a obra, Galeria Ibeu, Rio de Janeiro, Brasil

1979

Petite Galerie, Rio de Janeiro, Brasil

20º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

2º Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

1978

10º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1977

Marília Kranz e Yuataka Toyota, Galeria Almarte, Brasília, Brasil

Bienal da Municipalidade, Valparaíso, Chile

1976

25º Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Brasil
Galeria Dezon, Rio de Janeiro, Brasil

1975

7º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1974

Galeria Ipanema, Rio de Janeiro, Brasil

1973

5º Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte, Belo Horizonte, Brasil

2º Salão de Artes Visuais da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Salão de Artes Visuais do Estado do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

Múltiplos brasileiros, Galeria Múltipla, São Paulo, Brasil

1972

Mostra de Arte Sesquicentenário da Independência e Brasil Plástica - 72, Fundação Bienal, São Paulo, Brasil

Múltiplos brasileiros, Galeria Múltipla de Arte, São Paulo, Brasil

1971

7º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Galeria Ibeu, Rio de Janeiro, Brasil

1º Salão de Arte da Eletrobrás, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

18º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

Salão de Verão, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

1970

6º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea de Campinas – MACC, Campinas, São Paulo, Brasil

2º Salão de Verão, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

19º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Pré-Bienal de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo, Brasil

1969

18º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

5º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea de Campinas – MACC, Campinas, São Paulo, Brasil

Salão de Verão, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

1968

2ª Bienal da Bahia, Salvador, Brasil

1967

Galeria Dezon, Rio de Janeiro, Brasil

Galeria G-4, Rio de Janeiro, Brasil

Salão de Pintura Jovem, Hotel Quitandinha, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil

1966

Galeria Dezon, Rio de Janeiro, Brasil

Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Prêmios [Awards]**1981**

Prêmio em escultura [Prize in sculpture], 13º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1978

Prêmio em escultura [Prize in sculpture], 10º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1975

Prêmio em escultura [Prize in sculpture], 7º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, São Paulo, Brasil

1973

Grande prêmio, Salão do Acrílico, Rio de Janeiro, Brasil

Prêmio de aquisição [Acquisition prize], Salão de Artes Visuais do Estado do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

1971

Dois prêmios de aquisição [Two acquisition prizes], Salão de Verão, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil

Prêmio de aquisição [Acquisition prize], 7º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Prêmio de aquisição [Acquisition prize], 1º Salão de Arte da Eletrobrás, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

Bibliografia [Bibliography]

Jardim Botânico do Rio de Janeiro 1808-2008. Rio de Janeiro: Artepadiilha, 2008

Frederico Morais. Marília Kranz. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2007

Marcio Rebello (org.) Auto-retrato do Brasil. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2007

Nair Barbosa Lima (org.). Brazilian Art IV. São Paulo: JC Editora, 2003

Eco art. Rio de Janeiro: Spala/Banco Bozano Simonsen, 1992

Marília Kranz: pinturas, esculturas. Salvador: Banco da Bahia Investimentos S.A., c. 1970

Coleções públicas [Public collections]

Rockefeller Plaza, New York, USA

Caixa Cultural, São Paulo, Brasil

Prefeitura de Curitiba, Paraná, Brasil

*pesquisa em andamento [ongoing research]



Angra, 1979
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
50 x 60 cm [19 3/4 x 23 5/8 in]
(MKZ-0027)

Exposições [Exhibitions]

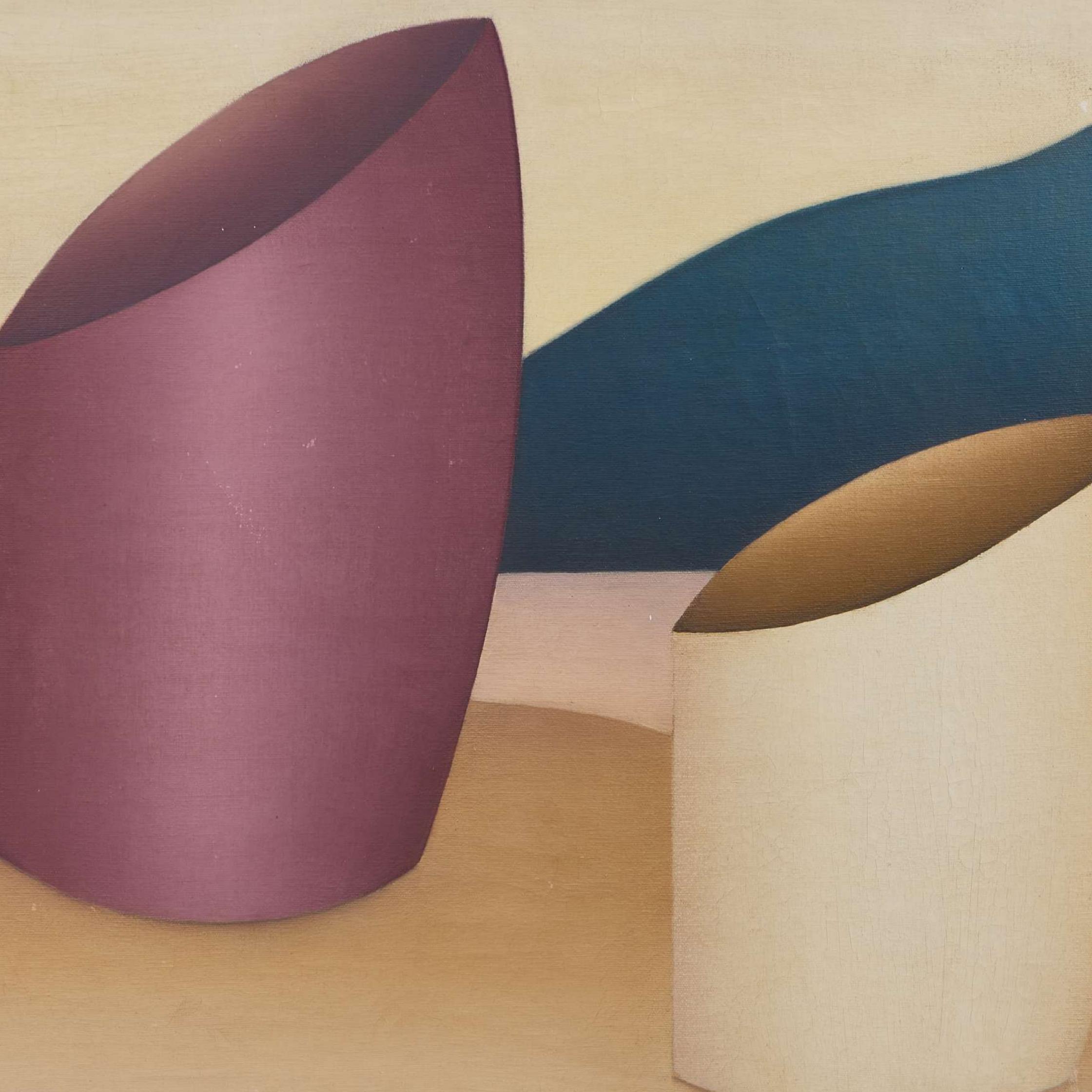
Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu Nacional de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 de março a 28 de março de 2001 [March 9th to March 28th, 2001] de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd, 1996]

Literatura [Literature]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica.

Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1996 - p. 13





Sem título [Untitled], 1977

Assinado e datado lateral direita. Situado e datado no verso [Signed and dated on the right side. Located and dated on the reverse]

Óleo sobre tela [Oil on canvas]

65 x 80 cm [25 5/8 x 31 1/2 in]

(MKZ-0028)



Aterrissando, 1982
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
65 x 80 cm [25 5/8 x 31 1/2 in]
(MKZ-0025)

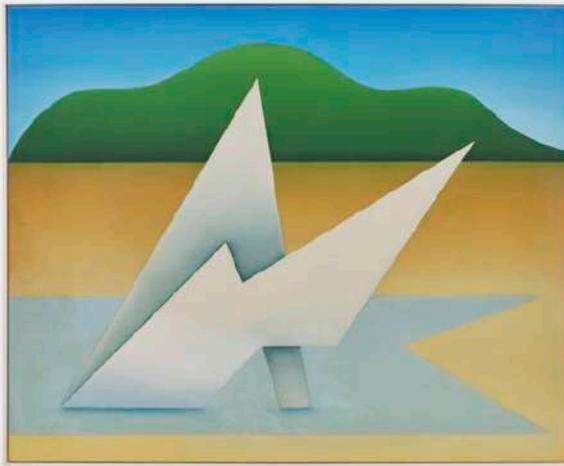




Sem Título [Untitled], 1982
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
65 x 80 cm [25 5/8 x 31 1/2 in]
(MKZ-0024)







Paisagem na escultura, 1987
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
83 x 100 cm [32 5/8 x 39 3/8 in]
(MKZ-0026)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu Nacional de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2 de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd, 1996]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 a 28 de março de 2001 [March 9th to 28th, 2001]

Marília Kranz: construção, Eros e metafísica. Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil. dia 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]

Literatura [Literature]

Marília Kranz. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2007 – p. 85

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1996 - p. 13



1
2

As *torstomas*, serradas de um a quatro, podem ser vistas isoladamente ou em diversas combinações coerentes, a partir de uma de suas laterais. Nelas encontramos áreas lisas, retângulos ou salientes, e áreas com ranhuras, criando sutis jogos de luz e sombra. O contraste entre áreas lisas e estriadas, tensiona o espaço, da mesma maneira como as diferentes direções das ranhuras criam ritmos via dinâmicos ou calmos, ora mais leves ou pesados. A ausência da cor não diminui o impacto visual.

A mostra do MAM encerrava uma fase essencialmente experimental de Marília Kranz. Fosse em que procurava dar respostas a diversas questões que preocupavam o artista contemporâneo - forma, espaço, relações entre suporte e superfície, adequação entre estruturas e novos materiais, problemas de Gestalt e percepção, participação do espectador, multiplicação, integração arquitetônica e ambiental e adequação da criação individual às características da sociedade industrial. Marcos Vasconcelos, ao apresentar o artista diz, acertadamente, que ela "anulou a lógica industrial e ludicidade poética", mediante o emprego de um vocabulário formal que, no seu entender, favoreceu a integração de suas obras à arquitetura.



1
3



Monografia *Marília Kranz*, por Frederico Morais, 2007 [Monograph *Marília Kranz*, by Frederico Morais, 2007]



Redondo, 1988
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
90 x 90 cm [35 3/8 x 35 3/8 in]
(MKZ-0021)

Literatura [Literature]

Auto-retrato do Brasil. Rio de Janeiro: Bem te vi, 2007 - p. 303







Forma flores, 1986

Óleo sobre tela [Oil on canvas]

83 x 100 cm [32 5/8 x 39 3/8 in]

(MKZ-0022)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz. Galeria Paulo Figueiredo: Brasília, 17 de julho a 6 de agosto de 1986 [July 17th to 6th august, 1986]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 a 28 de março de 2001 [March 9th to 28th, 2001]

Marília Kranz: construção, Eros e metafísica, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil. dia 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]

Literatura [Literature]

Marília Kranz. São Paulo: Galeria Paulo Figueiredo, 1986 - p. 12





Lembranças, 2002

Assinada, datada, titulada e localizada no verso [Signed, dated, titled
and located on the reverse]

Óleo sobre linho [Oil on linen]

80 x 120 cm [31 1/2 x 47 1/4 in]

(MKZ-0030)



Vista da exposição [Installation view] *Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica*. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 de março a 28 de março de 2001 [March 9th to March 28th, 2001] de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd, 1996]



Vista da exposição [Installation view] *Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica*. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 de março a 28 de março de 2001 [March 9th to March 28th, 2001] de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd, 1996]



Vista da exposição [Installation view] *Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica*. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 de março a 28 de março de 2001 [March 9th to March 28th, 2001] de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd, 1996]





A montanha e a fruta, 1984
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
80 x 100 cm [31 1/2 x 39 3/8 in]
(MKZ-0023)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 de março a 28 de março de 2001 [March 9th to March 28th, 2001]



Nas ondas, 1992
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
140 x 160 cm [55 1/8 x 63 in]
(MKZ-0020)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: Pinturas. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1992

Literatura [Literature]

Marília Kranz: Pinturas. Museu Nacional de Belas Artes: Rio de Janeiro, 1992 – p. 3





O olho, 1994

Assinada, datada, titulada e localizada no verso [Signed, dated, titled and located on the reverse]

Óleo sobre tela [Oil on canvas]

90 x 90 cm [35 3/8 x 35 3/8 in]

(MKZ-0019)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu Nacional de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2 de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd, 1996]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 09 a 28 de março de 2001 [March 9th to 28th, 2001]

Marília Kranz: construção, Eros e metafísica, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil. dia 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]

Literatura [Literature]

Marília Kranz. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2007 – p. 107

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1996 – p. 20



Construção, Eros e Metafísica

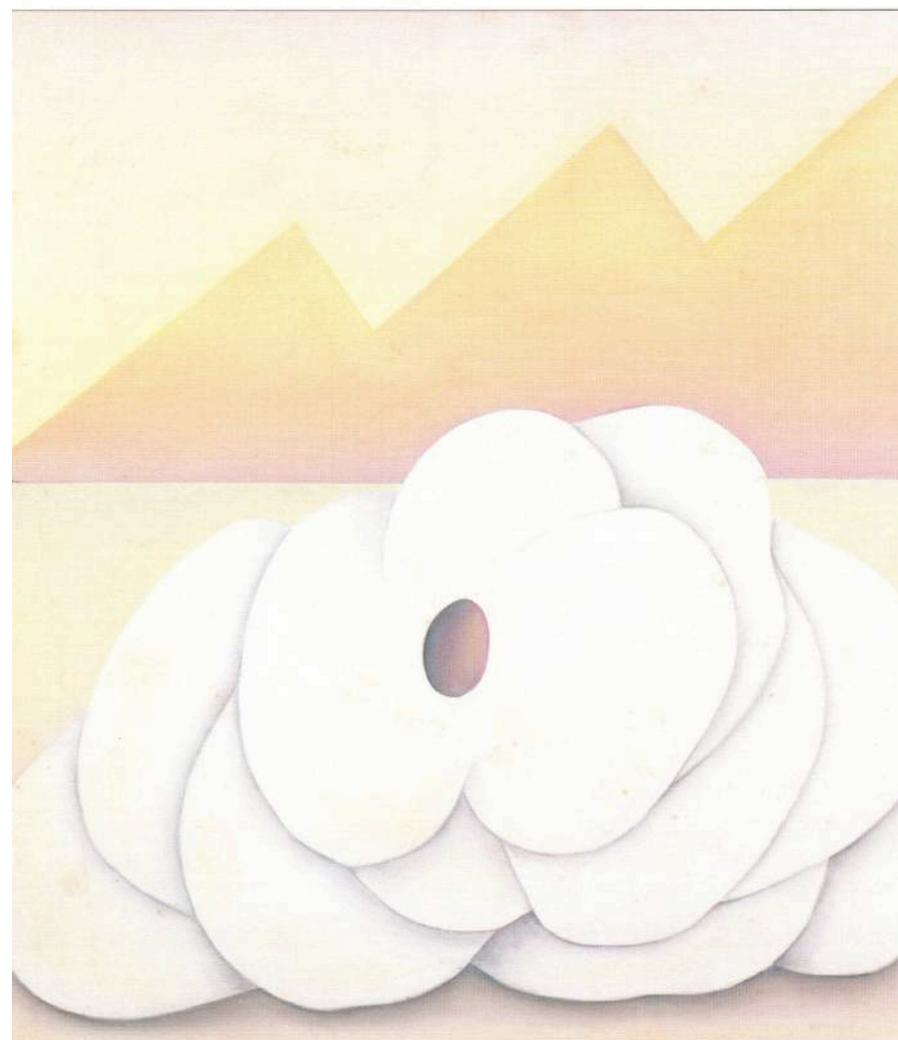
Marilia Kranz



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA - PR

Rua Emiliano Perнета, 29 Curitiba - Paraná
Inauguração 09 de março às 18:00 h
Exposição de 10 à 28 de março

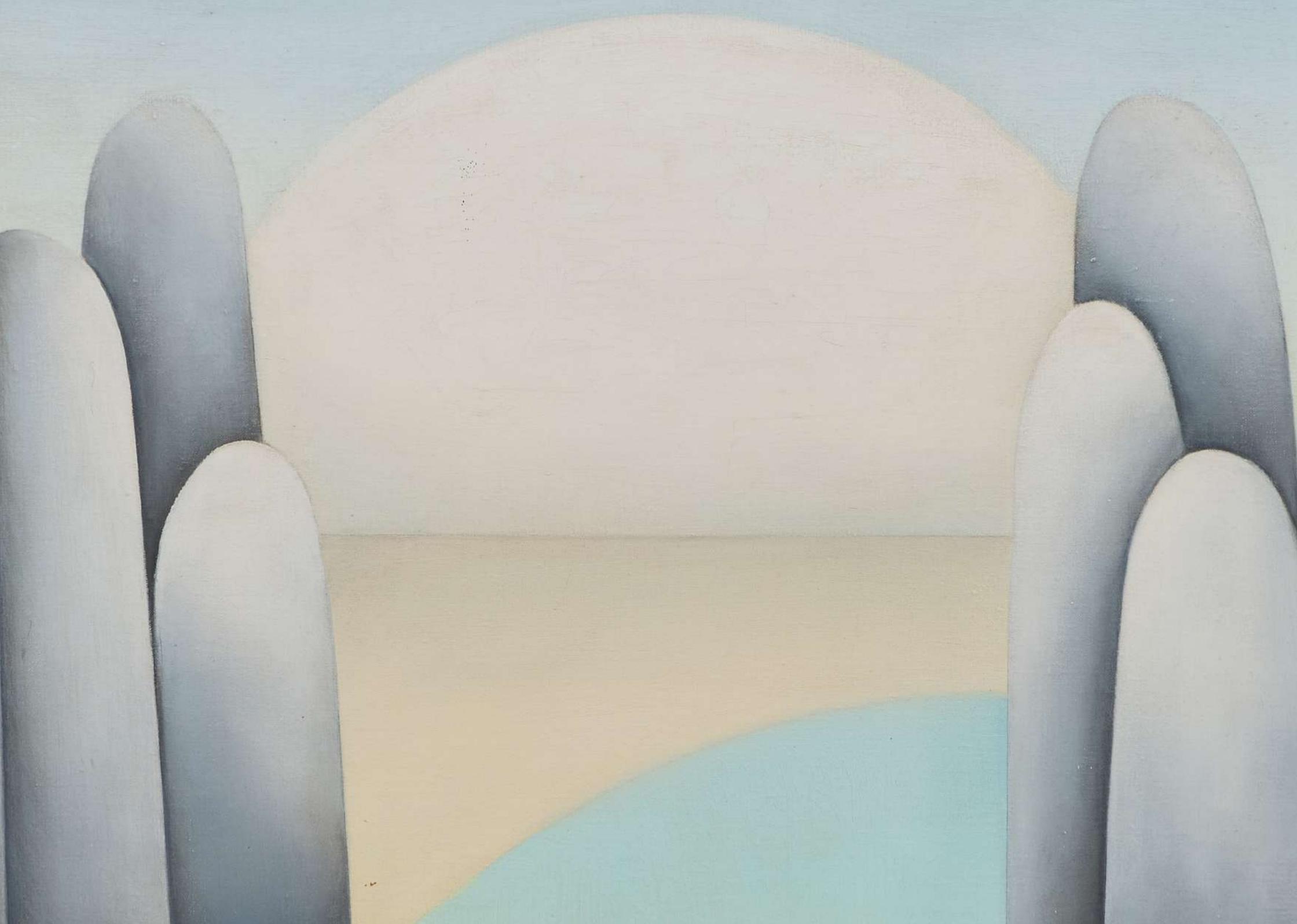
LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Convite para a abertura da exposição [Invitation to the opening of the exhibition] Marilia Kranz: Construção, Eros e Metafísica no [at] Museu de Arte Contemporânea - MAC, Curitiba - Paraná.



Da minha vida, 1996
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
80 x 100 cm [31 1/2 x 39 3/8 in]
(MKZ-0018)





Fim de um dia, 2006
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
90 x 100 cm [35 3/8 x 39 3/8 in]
(MKZ-0014)





Fim da guerra, 2003
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
80 x 100 cm [31 1/2 x 39 3/8 in]
(MKZ-0016)



Deserto tropical, 1999
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
80 x 100 cm [31 1/2 x 39 3/8 in]
(MKZ-0017)







Solo, 2005
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
90 x 90 cm [35 3/8 x 35 3/8 in]
(MKZ-0015)



Vento, 2006
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
90 x 100 cm [35 3/8 x 39 3/8 in]
(MKZ-0013)





Transforma XXIV 6, 1974

Assinada, datada, titulada e localizada no verso [Signed, dated, titled and located on the reverse]

Poliestireno moldado a vácuo, tampa de acrílico moldado a vácuo [Vacuum molded polystyrene, vacuum molded acrylic lid]

66 x 64 x 8 cm [26 x 25 1/4 x 3 1/8 in]

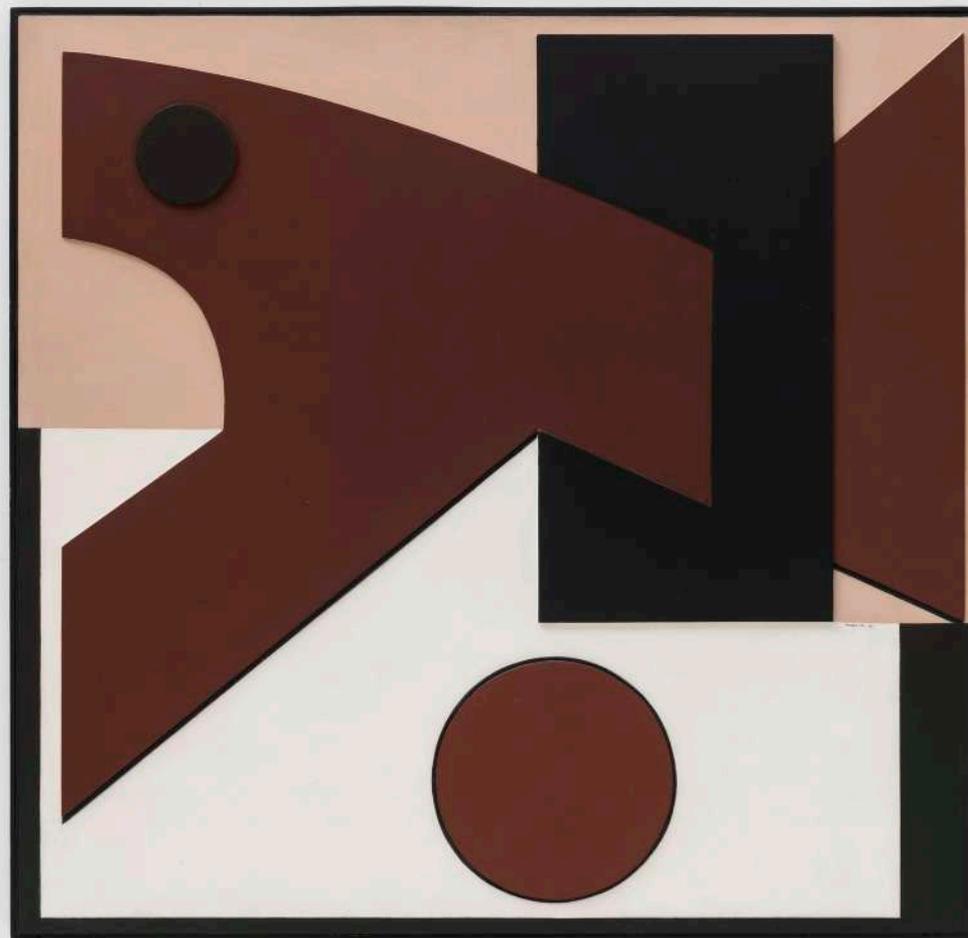
(MKZ-0041)

Contraforma, 1976/1978
Assinada na base [Signed on the base]
Duas chapas de acrílico cortadas e polidas [Two cut
and polished acrylic sheets]
81 x 25 x 19 cm [31 7/8 x 9 7/8 x 7 1/2 in]
(MKZ-0012)





Marília, primeira exposição individual, galeria Oca, 1968
[Marília, first solo show, Oca gallery, 1968]



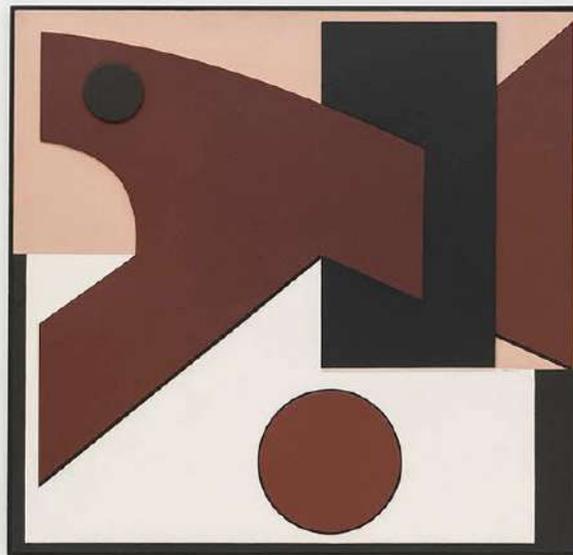
Trans-formas, 1969

Assinado e datado no verso [Signed and dated on the reverse]

Madeira sobre Eucatex e tinta acrílica [Wood on Eucatex and acrylic paint]

106 x 100 cm [41 3/4 x 39 3/8 in]

(MKZ-0002)



Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu Nacional de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2 de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd, 1996]

Marília Kranz: relevos e esculturas. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio: Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 2007 a 2 de março de 2008 [December 4th, 2007 to March 2nd, 2008]

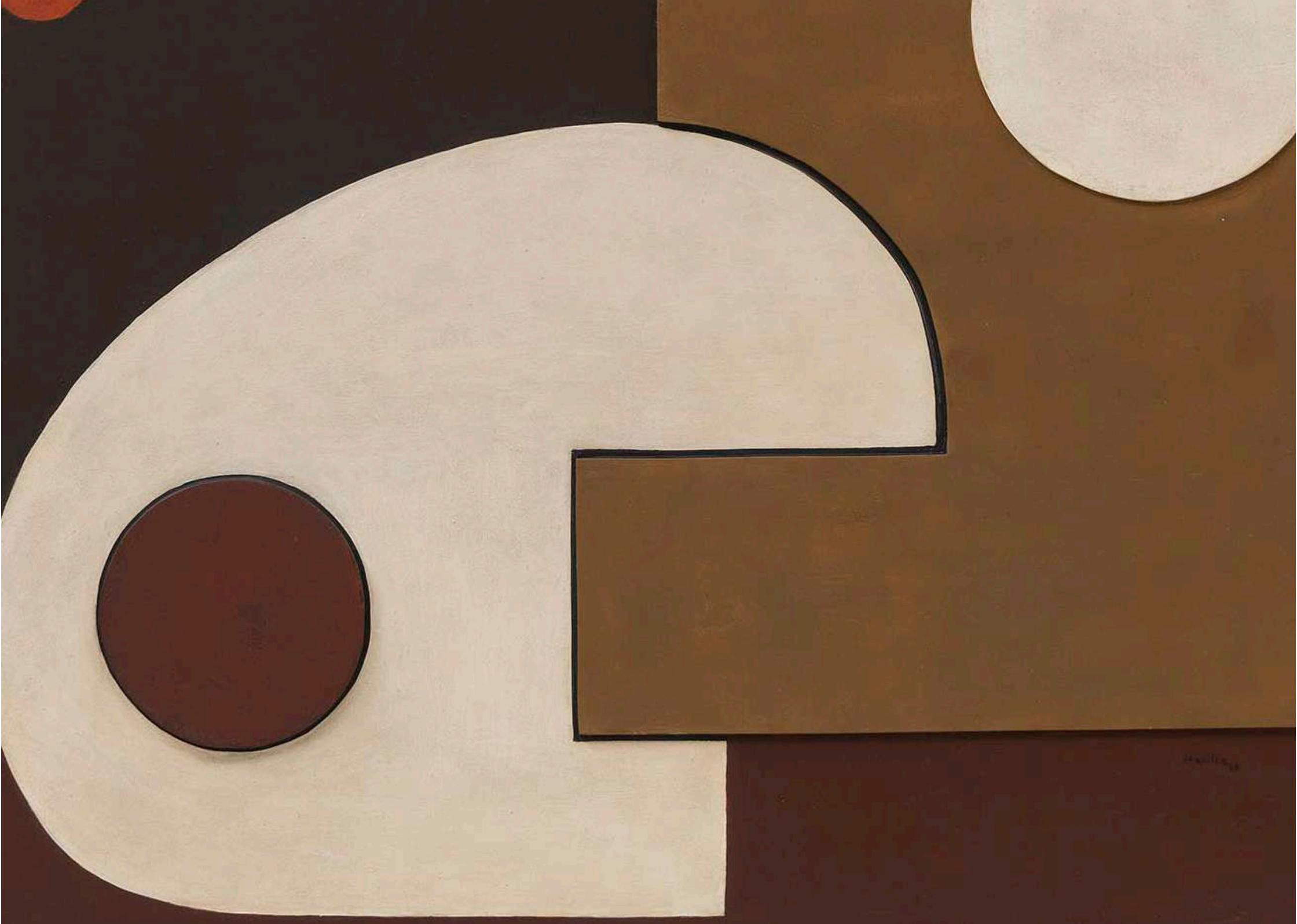
Literatura [Literature]

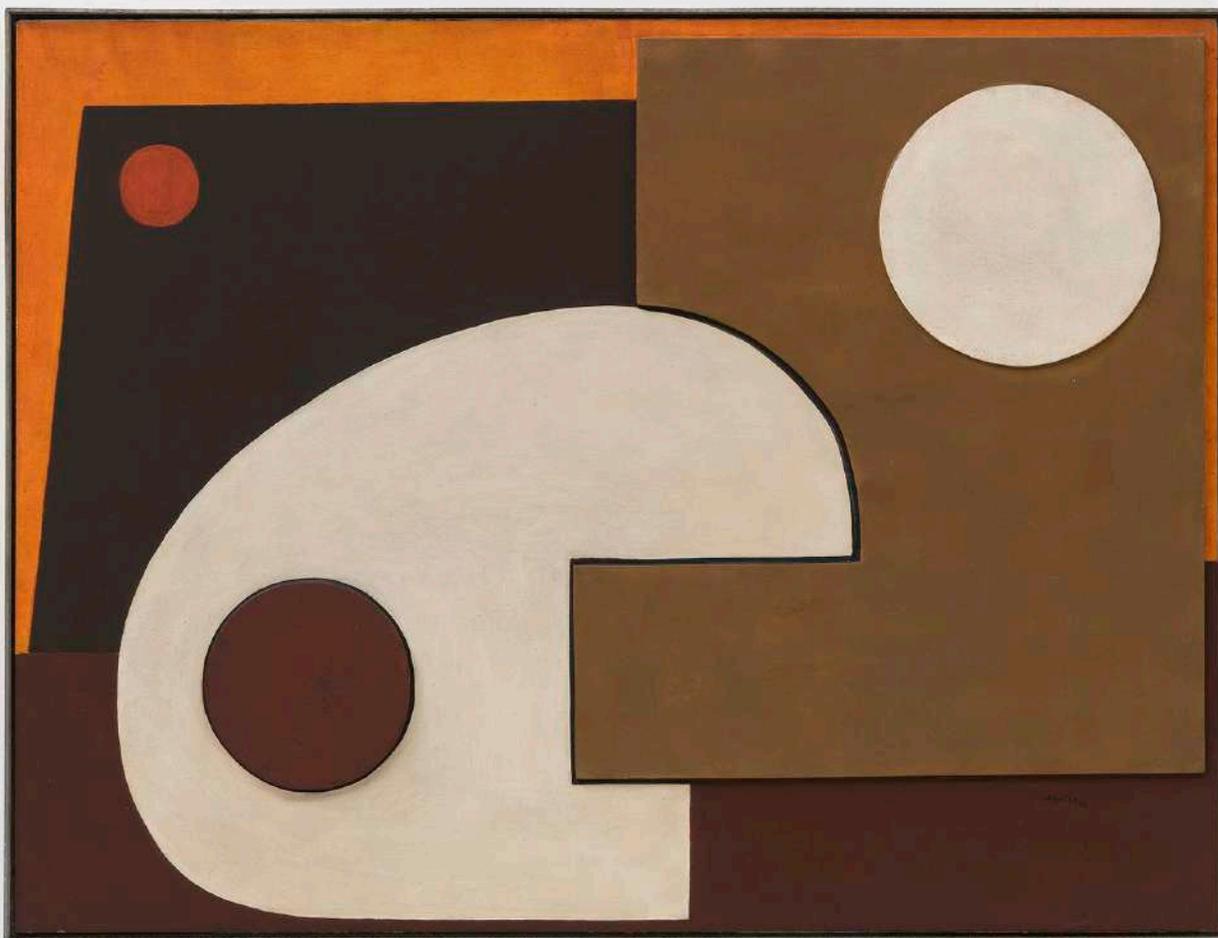
Marília Kranz. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2007 – p. 49

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1996 – p. 07

Uma mulher apaixonada pela vida. *Gazeta Mercantil*, 8 de março de 2001 [March 8th, 2001]

Cores suaves, discurso carregado. *O Estado do Paraná*, 9 de março de 2001 [March 9th, 2001]





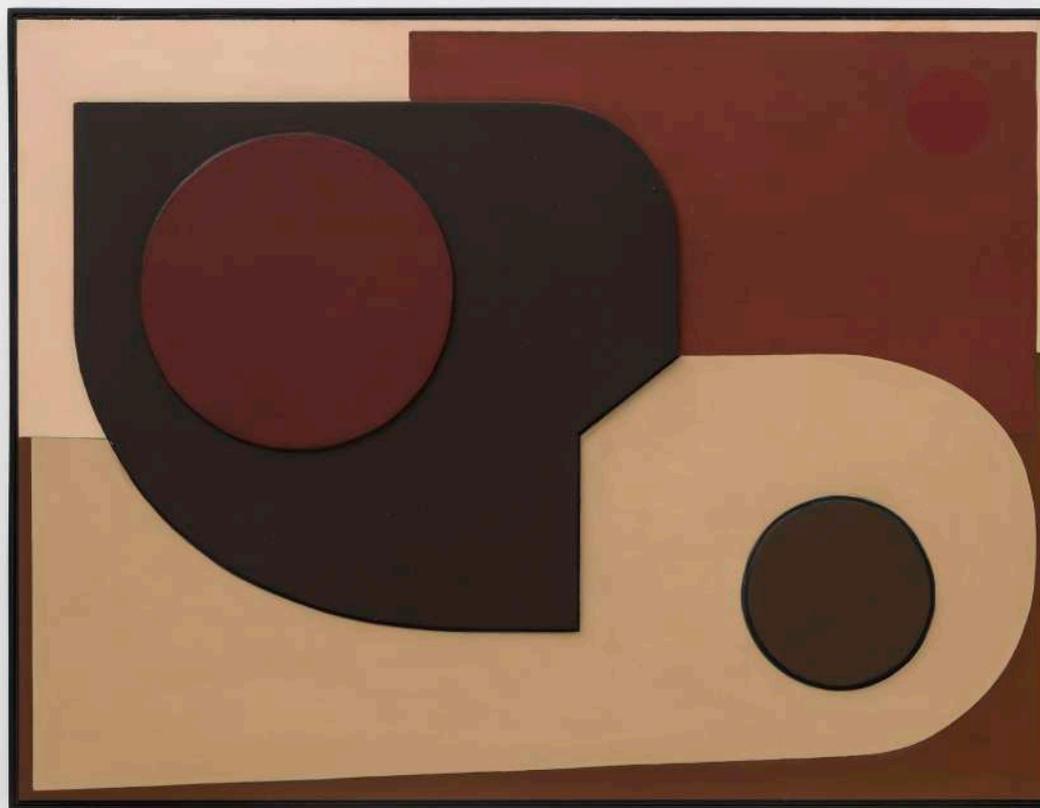
Testemunha do sol, 1968

Assinado e datado no verso [Signed and dated on the reverse]

Tinta acrílica e madeira sobre Eucatex [Acrylic paint and wood
on Eucatex]

75 x 89 cm [29 1/2 x 35 1/8 in]

(MKZ-0001)



Crepúsculo, 1968

Assinado e datado no verso [Signed and dated on the reverse]

Tinta acrílica e madeira sobre Eucatex [Acrylic paint and wood on Eucatex]

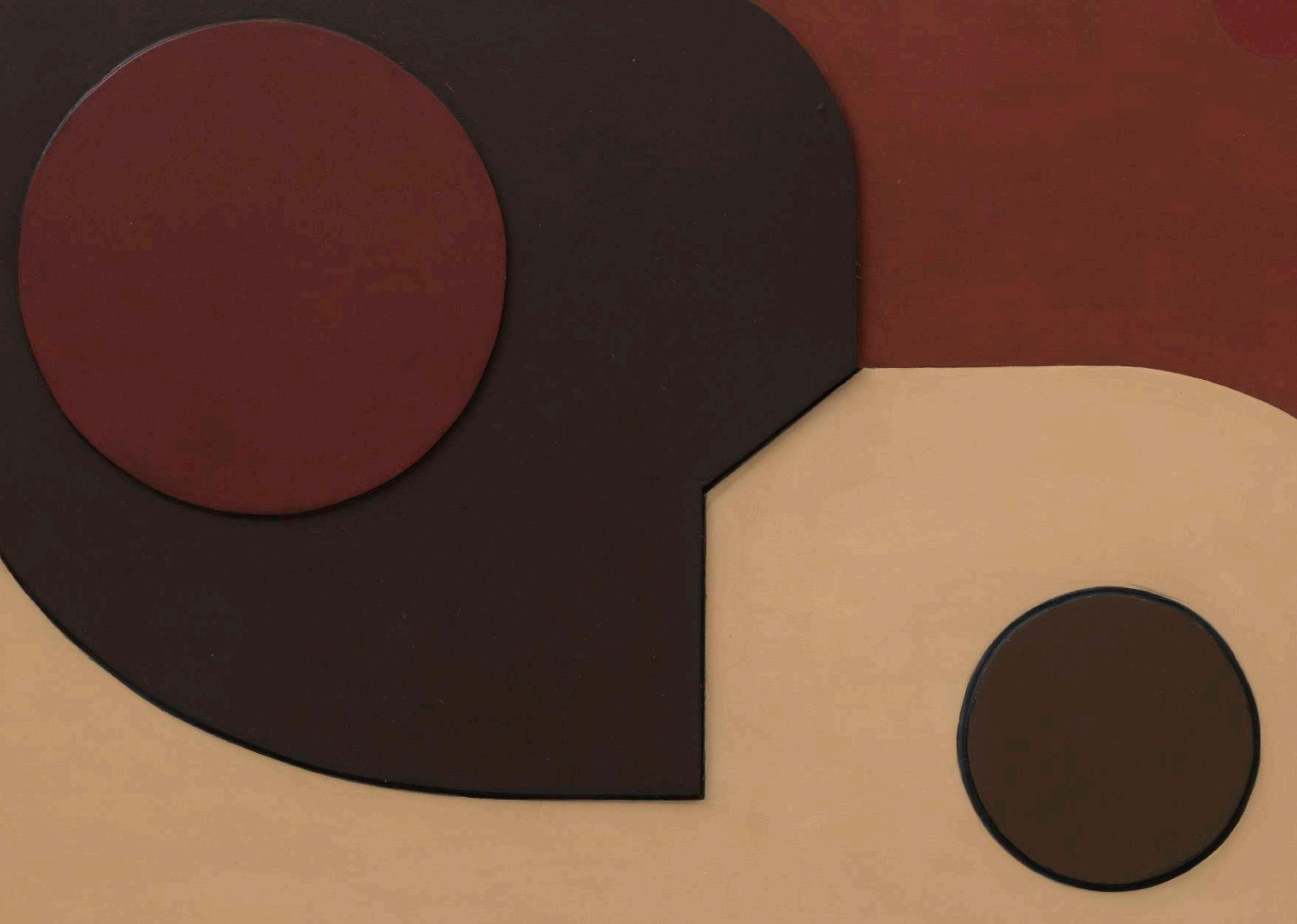
74 x 97 cm [29 1/8 x 38 1/4 in]

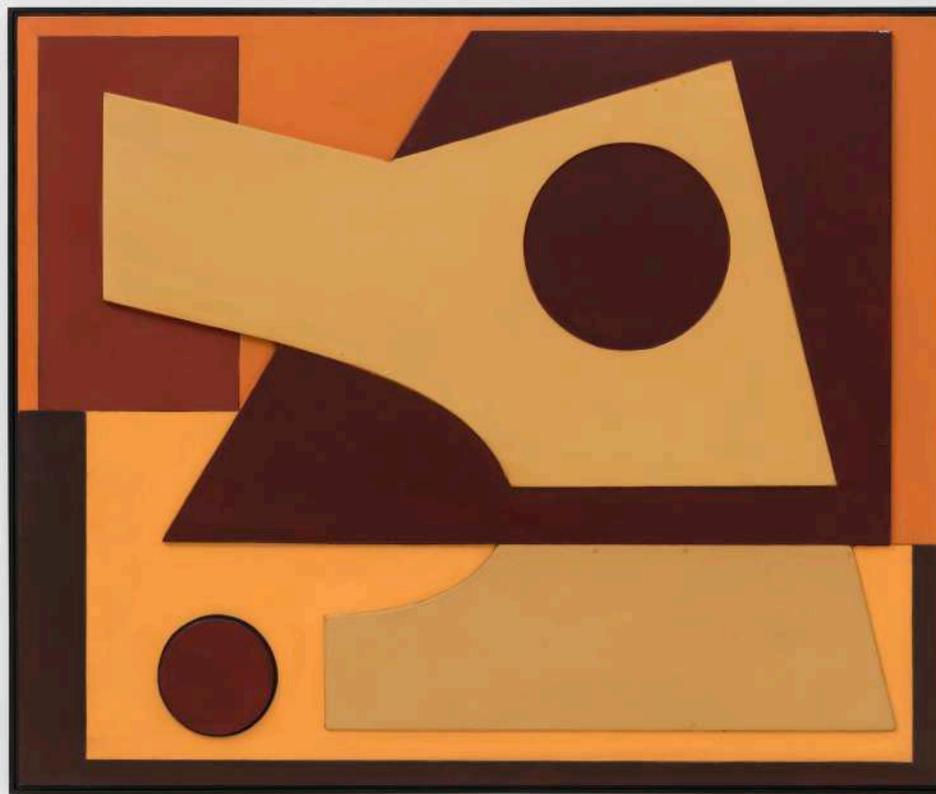
(MKZ-0010)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: relevos e esculturas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil. 4 de dezembro de 2007 a 2 de março de 2008 [December 4th, 2007 to March 2nd, 2008]

Marília Kranz: construção, Eros e metafísica, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil. dia 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]





Transforma III, 1969

Assinada e datada no verso [Signed and dated on the reverse]

Tinta acrílica e madeira sobre Eucatex [Acrylic paint and wood on Eucatex]

82 x 99 cm [32 1/4 x 39 in]

(MKZ-0011)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: relevos e esculturas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil. 4 de dezembro de 2007 a 2 de março de 2008 [December 4th, 2007 to March 2nd, 2008]

Marília Kranz: construção, Eros e metafísica, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil. dia 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]



Ozma - estereofoma, 1969

Assinado e datado no verso [Signed and dated on the reverse]

Poliuretano rígido, fibra de vidro, tinta automotiva [Rigid polyurethane, fiberglass and automotive paint]

77 x 97 x 12 cm [30 1/4 x 38 1/4 x 4 3/4 in]

(MKZ-0006)

Exposições [Exhibitions]

Marília Kranz: relevos e esculturas. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio: Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 2007 a 2 de março de 2008 [December 4th, 2007 to March 2nd, 2008]

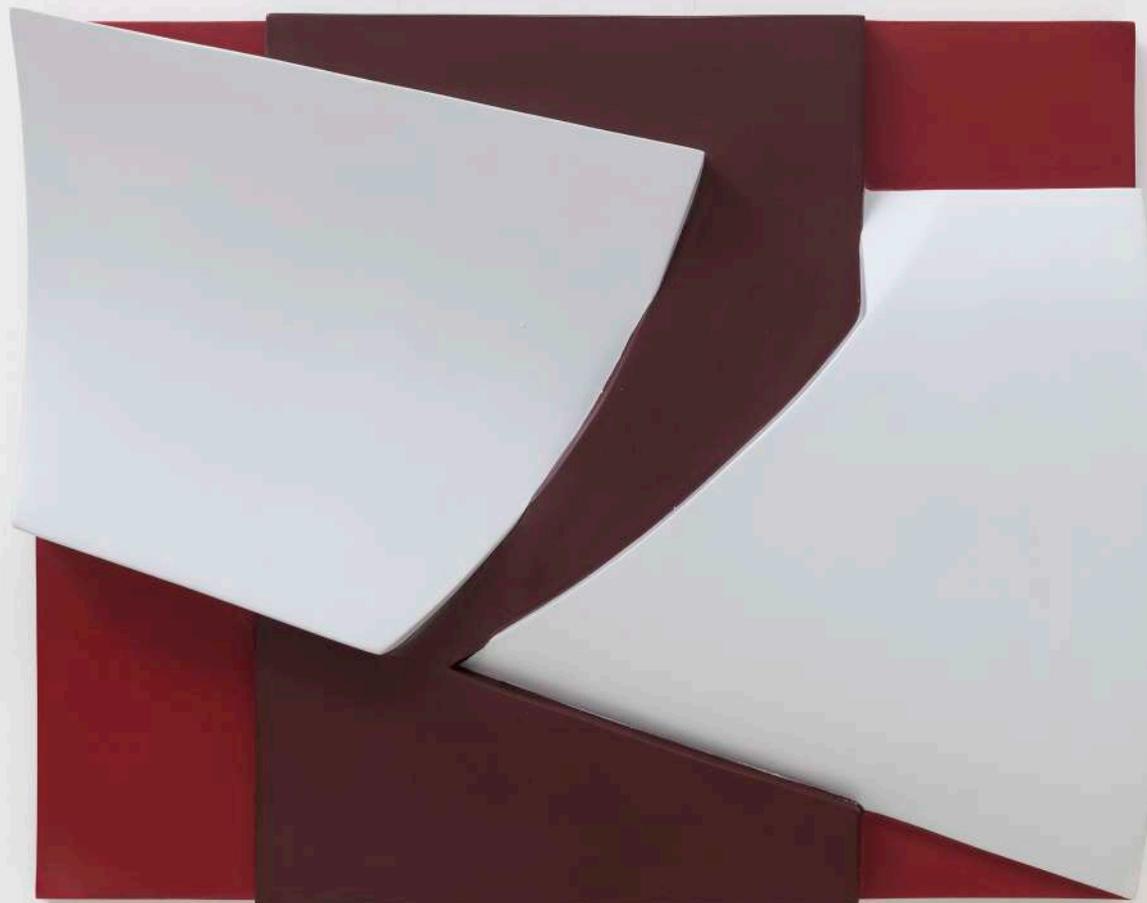
Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu Nacional de Belas Artes – MNBA: Rio de Janeiro, 2 de maio a 2 de junho de 1996. [May 2nd to June 2nd, 1996]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Palácio das Artes: Belo Horizonte, 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]

Literatura [Literature]

Marília Kranz. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2007 – p. 54





Scheat - estereoforma, 1969

Assinado e datado no verso [Signed and dated on the reverse]

Poliuretano rígido, fibra de vidro, tinta automotiva [Rigid polyurethane, fiberglass and automotive paint]

77 x 97 x 12 cm [30 1/4 x 38 1/4 x 4 3/4 in]

(MKZ-0007)

Exposições [Exhibitions]

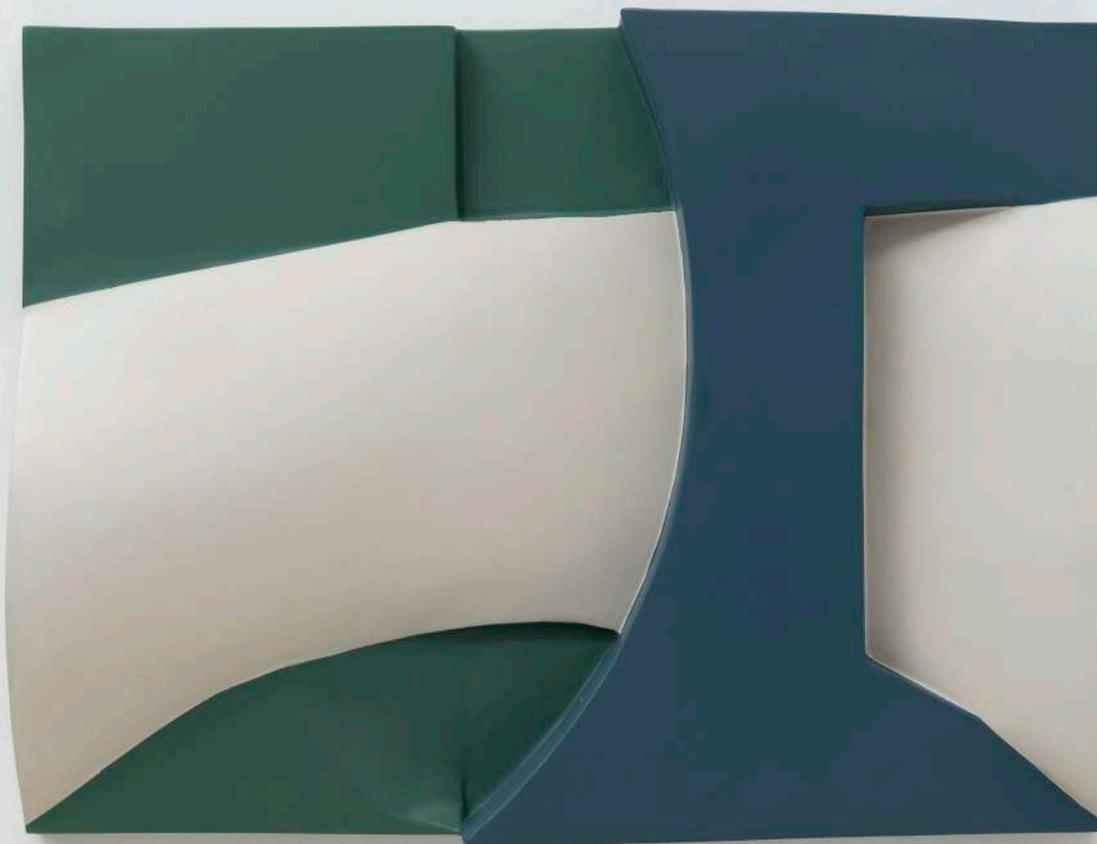
Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Museu Nacional de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2 de maio a 2 de junho de 1996 [May 2nd to June 2nd]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Palácio das Artes: Belo Horizonte, 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]

Literatura [Literature]

Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1996 - p. 07

Marília Kranz. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estudio, 2007. - p. 55



Eridanus - estereoforma, 1969

Assinado e datado no verso [Signed and dated on the reverse]

Poliuretano rígido, fibra de vidro, tinta automotiva [Rigid polyurethane, fiberglass and automotive paint]

56 x 75 x 14 cm [22 1/8 x 29 1/2 x 5 1/2 in]

(MKZ-0003)



Vídeos para telejornais da Rede Globo sobre a artista Marília Kranz [Videos for Globo TV news on artist Marília Kranz]



Artista plástica Marília Kranz morre no Rio [Artist Marília Kranz dies in Rio] -
20/12/2017
Jornal da Globo
<https://globoplay.globo.com/v/6371280/?s=0s>



Artista plástica Marília Kranz morre aos 80 anos no Rio [Artist Marília Kranz dies at 80 in Rio]
- 20/12/2017
Jornal Nacional
<https://globoplay.globo.com/v/6371049/>



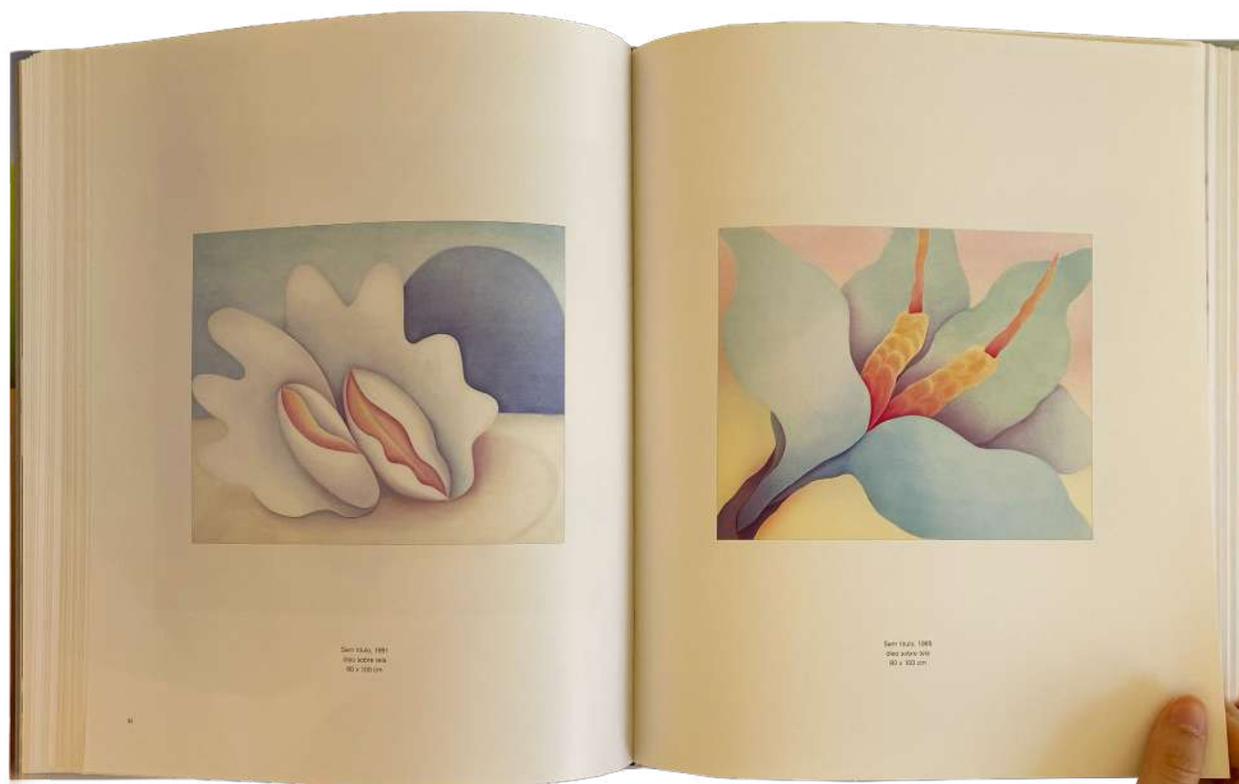
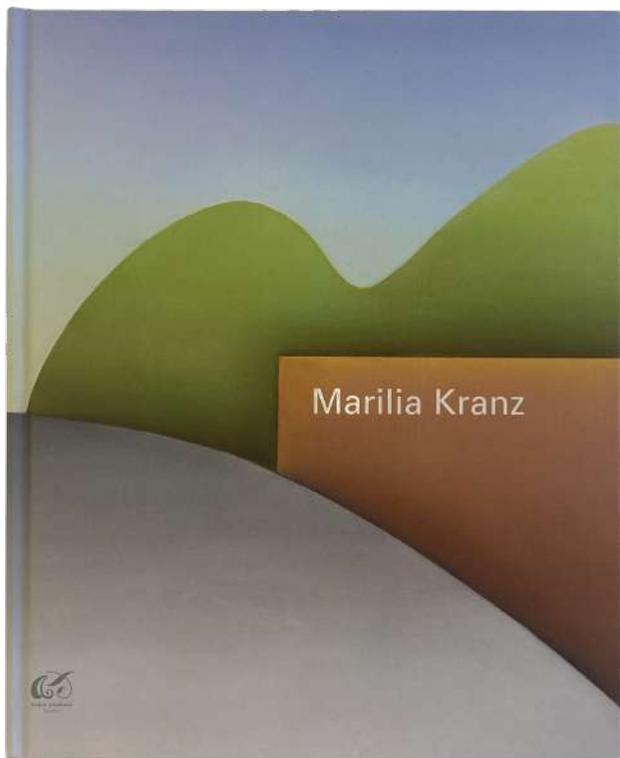
Vista da exposição [Installation view] *Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica*. Palácio das Artes: Belo Horizonte, 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]



Vista da exposição [Exhibition view] *Marília Kranz: Construção, Eros e Metafísica*. Palácio das Artes: Belo Horizonte, 9 a 27 de agosto de 2000 [August 9th to 27th, 2000]



Vista da exposição [Installation view] Marilia Kranz: *Construção, Eros e Metafísica*. Museu de Arte Contemporânea do Paraná: Curitiba, 9 a 28 de março de 2001 [March 9th to 28th, 2001]



Monografia 'Marilia Kranz', por Frederico Morais, 2007 [Monograph 'Marilia Kranz', by Frederico Morais, 2007]

FREDERICO MORAIS

Há quatro anos, quando realizou sua última exposição cáspica, na boijexiata Petite Galerie,

se considerava uma feminista radical ("quando decidi fazer arte, enfrentei as maiores dificuldades — só porque era mulher", "os homens estão muito chatos e reacionários, eu vou morrer sozinha"), e até fazia campanha para candidatas feministas à Assembleia Legislativa. Hoje, quando inaugura nova exposição, no Centro Cultural Cândido Mendes, diz que sua temática não é feminista: "minha pintura não tem nenhum compromisso com o discurso feminista. O que ela revela é minha própria experiência como mulher, meu psiquismo".

Há quatro anos, Marília Kranz integra a direção da Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais, da qual saíra, pouco depois, por considerá-la absolutamente inútil. Agiliza politicamente, prestando depoimento na ABI sobre censura, defendendo a anistia ampla e irrestrita. Hoje, não participa mais da política das artes, nem da diretoria da Abapp, mas acha que a nova diretoria até que anda fazendo muita coisa boa. Diz:

— Não tenho mais tempo: preciso ocupar-me de meu trabalho, estar no ateliê, se possível o dia inteiro.

Ela vê as relações entre o artista e o poder com alguma suspeição. São duas formas de paixão e, como tal, inconciliáveis. Diz que votou em Brizola, mas que a grande abertura de sua pintura atual nada tem a ver com o seu Governo ou com a abertura política do Brasil. Tem a ver com o seu próprio estado de espírito atual:

— Estou ótima, estou a mil, apenas não tenho mais tempo para brigar. Quem deve brigar é o jovem.

A política, acrescenta, é uma atividade mais intelectual que emocional, exige reflexões demoradas, enquanto seu trabalho de pintura fica mesmo é no plano da fantasia:

— Minha ação ou participação política não alcançam minha fantasia, que estimulo desde criança.

Mas pergunto a Marília como vê a arte brasileira, hoje, e ela responde:

— Está que nem o Brasil, à es-

MARILIA KRANZ

Savana, rios profundos. Na pintura, a paisagem subterrânea do corpo



Marília: é como se eu tivesse colocado tudo num liquidificador: a cor 'explodiu'.

pera de acontecimentos. Às vezes, me pergunto o que a "lchurma" de 20 anos está fazendo em arte. Eu não sei. Estou com 46 anos, e da minha turma muitos desapareceram ou desistiram, outros estão ocupados com seu próprio trabalho e/ou carreira. Não tenho mais acesso aos jovens. Gostaria de ver seus trabalhos mas, hoje, no Rio, não há um lugar para o pessoal jovem expor. Então, a gente não sabe o que está ocorrendo.

Há quatro anos, Marília Kranz já retornara ao plano e à pintura, depois de uma demorada experiência no espaço e com relevos e esculturas (suas "transformas"), tentativas de integração arte-e-indústria. Já iniciara seu passeio pela paisagem ("transformações poéticas da minha memória, memória de espaços vividos, nostalgia de espaços sombrios"). Sua pintura, que lembrava, então, vagamente Tarsila do

Amaral, eram sugestões de mares tranquilos, montanhas, formas que lembravam túneis, caramujos, pássaros, formas ambiguas que levaram a própria artista a falar num "surrealismo abstrato".

Marília não se desviou, desde então, dessa rota. Ao contrário, aprofundou o caminho, chegou mais perto dessas formas, descobriu dentro de cada uma delas um novo mundo, uma nova realidade, como se, através de um microscópio, as examinasse em detalhes, agitando-as em seguida ou, então, com uma câmara, captasse seu movimento. O que houve, portanto, foi uma aproximação a essas formas, que se abrem, desbrocham, mostrando sua "sexualidade", uma sexualidade muito semelhante à do corpo humano. Ou melhor, olhando a natureza, Marília descobre a paisagem do corpo, aquela mais íntima e escondida, subterrânea, que

se esconde sob a savana, rios profundos, grutas, rotas, rotas, orvalhos, magmas, um mundo que sua amiga, Olga Savary, descreveu em sua poesia, e que cal como uma lava (ou como água) para elucidar (melhor, sentir, viver) os novos quadros de Marília Kranz: "anda nua/ que se dilata/ em jardins de espuma/ silian- do a forma e viva". Ou "boselho e magma, espuma/ de fundas furnas e de grutas".

Aliás, os poetas sempre se deram bem com Marília e muitos deles já escreveram sobre sua pintura, além de Olga Savary, Geraldo Carneiro e também Marilda Pedrosa. Pergunto a Marília o porquê, e ela responde:

— "Porque tenho paixão pela poesia. Eles sabem ver minha pintura. Aliás, eu pensei em pedir a Olga que apresentasse esta minha exposição, porque em sua pintura o que ele fez com poesia (no seu último livro "Magma").



Pintura, óleo sobre tela, 1983, de Marília Kranz.

Como todo artista às vésperas da estréia (é meu melhor disco, meu melhor livro, meu melhor filme), Marília Kranz também diz que esta é sua melhor exposição. Mas diz com paixão:

— É como se eu tivesse colocado tudo num liquidificador: a cor explodiu. Antes, era tudo muito compartmentado e rígido: branco, preto, marrom. Ou talvez fosse mais correto ainda falar de uma nova luz em minha pintura. Uma luminosidade forte, clara, luz de sol a pino, luz do Rio, da paisagem caríaca. E houve também uma explosão na forma: a geometria de antes cede lugar às formas arredondadas, irregulares, bulbosas. Protuberâncias.

Marília recusa analogias com a pintura de Pietrina Checcacci ("Gosto da sua pintura, mas é outra coisa, sua cor é ocre, cor de carnadura. Sua pintura não explode, nela a sexualidade está contida, é comedida.") mas, em vez de uma representação do corpo, prefere falar em "vegetais enlouquecidos".

O trópico é muito enlouquecido, em termos de sensualidade. Aquilo ali (aponta um quadro), é uma flor, mas é também um faio. Mas este faio é também vulva. Ou seja, são inógens às vezes andróginas.

— Mas essas imagens são buscadas conscientemente?

— Não. Quando acabo um quadro, olho, e digo pra mim: "Meu Deus, a coisa está ali".

— Mas você parte de alguma imagem conhecida, uma foto?

— Não. Está tudo dentro de minha cabeça. Primeiro faço um croqui, situando a forma dentro do quadrado. A lápis. Depois, numa segunda etapa, emprego a cor. Aquarela. Só então, parto para a tela. Hoje, pinto menos e mais devagar. Estou preocupada com questões de pintura, em resolver bem um quadro. Cada tela leva, antes, uma camada de acrílico, para criar uma base, uma textura. Depois, emprego o óleo. Erro muito, enquanto construo o quadro, mas não desisto e isto é ótimo.

Marília entende que esta retomada da pintura neste início da década de 80, é importante, entre outras razões, "porque serve como um contraponto a um mundo que caminha muito rápido para a robotização total das atividades humanas".

— O simples ato de empregar a mão, de desenvolver a habilidade manual, esta revalorização do artesanato pictórico, é algo significativo, num mundo em que o corpo está sendo aliado. Para mim, pintar é uma paixão, isto é, tem uma grande carga de sacrifício e de alegria, de atração e repulção, de intensidade e preguiça.

Declaração final de Marília: — Como a situação brasileira está negra, eu pinto a luz, quero realizar uma pintura cheia de luz. Ou melhor, é como se eu pintasse, não a realidade, mas uma ânsia.

...e esse tom pastel que irradia pelos quadros de Marília. Nunca termina? Espalha-se em *dégradés* nas paisagens, penetra pelos poros das esculturas orgânicas, nessas aberturas de que emergem lerdas inflorescências, languidamente... É bonito ver nesses sinais perversões lúdicas e infantis, inocentes a ponto de levar o cantor a dizer: Rio, tempo de estio, eu quero tuas meninas. Mas essas formas túrgidas, em que escorregam mandiocas, filamentos e espigas, sabem mais que a fragmentos antropomórficos. Certamente, são pedaços de mim e de ti, são coxa e delírio, vagina e orvalho, línguas e ventres. Mas são também flores arquitetônicas, como diz a poesia generosa de Marilda Pedroso. Um sonho que afronta o mercado e resgata o temor. *“Tudo o que sonho se passa/ Numa cidade desconhecida, muito grande e muito bela,/ com extensos arrabaldes e arruamentos;/ Não ousa desenhá-la”* escreveu um dia, desiludido, o pintor Wols (Wolfgang Schulze, 1913-1951). Mas nas cidades retornadas a natureza, habitadas pelo desencanto e pela nostalgia, a luz da paixão pode erguer catedrais laicas, esculturas proteiformes, homenagens constantes à solidariedade, só o que nos salva. Agora sei que aquele ritual matutino, cerimônia que Marília repete como parto — de que sempre nasce Marília, é tão somente isso e aquilo, reconciliação do desejo vencido com a cidade orgulhosa e distante.

Luiz Carlos Daher
Professor de História da Arte
Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da USP.

“... what of this pastel hue that radiates throughout Marília’s paintings. Does it ever end? It spreads en *dégradé* throughout landscapes, seeps into the pores of the organic sculptures, into these openings out of which slow inflorescences languidly emerge... It is beautiful to identify in such signs playful, childish perversions, so innocent as to prompt the singer to state: Rio, summertime, I want your girls. But these turgid shapes, where manioc, filaments and cornstalks slide, taste of more than anthropomorphic fragments. Doubtless they are pieces of you and me, thighs and delirium, vaginas and dew, tongues and wombs. But they are also architectural flowers, as pointed out by Marilda Pedroso’s generous poetry. A dream that challenges the market and rescues fear. “Everything I dream takes place/ in an unknown city, very big and very beautiful/ with protracted suburbs and streets;/ I dare not draw it”, wrote disillusioned painter Wols (Wolfgang Schulze, 1913-1951) one day. But in cities given back to nature, inhabited by disenchantment and nostalgia, the light of passion can still erect layman’s cathedrals, shapeshifting sculptures, constant homages to solidarity, the only thing that will save us. Now I know: that morning ritual, a ceremony Marília repeats as if it were a birth – out of which Marília is always born, is no more than this and that, a reconciliation of defeated desire and the proud, distant city”.

Luiz Carlos Daher

